

À Biblioteca Pública de Braga

# TRIBUNA LIVRE

2 JUNHO 1962

## SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — AMARES

PROF. DR. OLIVEIRA SALAZAR:

### «A Barreira oposta pela consciência da Nação às campanhas vindas de todos os quadrantes não pode ser vencida, nem abalada, sequer.»

No passado dia 28, por ocasião dos cumprimentos que as forças armadas lhe apresentaram em S. Bento o Senhor Prof. Dr. Oliveira Salazar pronunciou o discurso que, dada a sua oportunidade, na integra passamos a transcrever:

dem. Mesmo reduzida ao mínimo do seu conteúdo possível, a unidade da força armada exige um substrato moral e na realidade das coisas a adesão espiritual à Pátria. Quando a Nação se apague dos espíritos como o primeiro valor a defender, não há soldados, não há exército, mas indivíduos que não sabem que fazer das suas armas. A unidade nacional é condição da unidade do exército: por sua vez o Exército é o último que nas crises mais graves defende o destino e a consciência da Nação. —Estes conceitos explicam muita coisa da história do nosso tempo.

Na confusão de ideias em que vivemos hoje, já admittem alguns que só um grande Estado se arrogue o direito de estruturar uma nação; os mais Estados e as mais nações haviam de dissolver-se ou diminuir-se no reconhecimento dessa unidade, subordinando-se-lhe inteiramente ou submetendo-se à sua direcção. Daqui vem que no credo comunista o nacionalismo é para todos nós um pecado e para a Rússia uma

virtude que se deve venerar. A forma, porém, como se previu e verifica a evolução dos acontecimentos tem variado na mente dos dirigentes e na prática das coisas; a cada momento são as circunstâncias que indicam o melhor caminho a seguir. Como se conclui pela impossibilidade

(Continua na 6.ª página)

### Defesa do Idioma Pátrio

A Campanha que desde há muito a Liga Portuguesa de Profilaxia Social vem desenvolvendo em prol de saneamento da Língua Pátria, mormente no que se refere à grafia indisciplinada e viciosa, com minúsculas iniciais, de vocábulos em que as Bases XXXIX a XLVII (inclusivé) do Decreto n.º 35.228 de 8 de Dezembro de 1945 determinam o emprego da maiúscula — acaba de merecer, de Excelentíssimo Senhor Subsecretário de Estado da Educação Nacional, o seguinte despacho:

«Declarando a nossa geral concordância com o que nos é representado pela Liga Portuguesa de Profilaxia Social, consignamos que se torna, de facto, in-

dispensável o efectivo cumprimento dos preceitos ortográficos instituídos pelo Decreto n.º 35.228, de 8 de Dezembro de 1945.

Além de que se devem observar as disposições legais vigentes, a disciplina ortográfica constitui questão assaz importante que bem merece o nosso cuidado público, logo porque, respeitando à expressão escrita da Língua, e sendo esta a mais profunda e directa emanção do espírito nacional, tudo quanto deveras afecte tal disciplina há-de repercutir, em última ou primeira instância, como desregramento e como adulteração, nesse mes-

(Continua na 5.ª página)

## INFELIZES DEVANEIOS DA COMISSÃO CONCELHIA DA U.N.

Há cerca de quatro anos a Câmara era presidida por um elemento que a tinha governado cerca de vinte anos e a quem se atribuía um activo de 7 contos de participações em 10 anos! Como passivo sabe-se que por mero desleixo deixou caducar um prazo em que a electrificação até Bouro era feita pela Chenop por 40 contos, o que agora custa dois mil. Que por 20 contos não aceitou uma avenida ligando as duas partes da Vila «porque as avenidas são para gândulos», etc..

A dita Câmara tinha como vogais dois elementos que o presidente seguinte à data da nova constituição previamente avisara que não poderiam ser reeleitos dadas as suas simpatias pela oposição, um dos quais foi mesmo o organizador público de reuniões e activo propagandeiro.

Quando, há dois anos, se constituiu a Comissão local da U.N., em reunião dos responsáveis, ficou designado que dela fariam parte os drs. Eduardo Gonçalves, António José da Costa, Avelino Silva e Arantes Rodrigues, estes últimos incumbidos da escolha do quinto elemento e designação dos cargos.

Quando os jornais anun-

ciaram que a Comissão acabava de ser superiormente aprovada e dava a sua constituição da qual não faziam parte três dos visados. Mas dela faziam parte o referido ex-presidente do Município durante 20 anos e os dois ex-vogais da Câmara um dos quais foi meses antes dos mais esforçados e diligentes agentes do Delgado.

Só então os responsáveis do Distrito viram o logro em que caíram pelo elemento que se

colocou de fora e incluiu os outros. Perante o escândalo entenderam dar-lhe posse, embora dozeando a sua actividade.

Desde aí a dita Comissão tem desenvolvido actividades que entendemos dever divulgar. Por hoje falaremos do último acto, o infeliz devaneio de autênticos irresponsáveis, guiados por quem os colocou ali para servirem ambições sem

(Continua na 4.ª página)

### O 28 de Maio

Se não se tivesse verificado o acontecimento que marca uma fase de engrandecimento de Paz para Portugal, o 28 de Maio era um dia do mês do calendário como outro qualquer.

Sem espalhafatos nem comemorações que denotem vaidade ou humilhação, o dia passou-se no trabalho em inaugurações preliminares para mostrar à Nação a vitalidade e consciência de um regime com defeitos particulares de interesse público que todos beneficia. Nesta verdade todos acreditam embora tenhamos de verberar o mau procedimento dos que nunca

souberam governar e também não sabem obdecer. Da lição recebida de a juventude entusiasmada e teórica muito tem aproveitado porque a li-

(Continua na 4.ª página)

DIRECTOR E EDITOR DO

**«TRIBUNA LIVRE»**

Pediram a sua substituição de director e editor deste jornal os srs. dr. António José da Costa e Paulo Barbosa de Macedo.

### «A OLIVEIRA NA PRODUÇÃO NACIONAL

por MATEUS RICARDO

Desconhece-se quando a oliveira começou a existir. A Bíblia informa, no entanto, que uma pomba regressou aos píncaros arménicos, transportando no bico um ramo seu e apertando-o ao justo Noé em sinal de bonança, depois do horrível delúvio. Daqui se infere que ela existia já, ramosa, desde os mais velhos tempos talvez. Oleaginosa oriental portanto, entrou na Europa há muito tempo

também e chegou à Península Ibérica nas mãos dos monges beneditinos. Fervorosamente dedicados à cultura da terra e das almas, transformaram a selva do continente europeu em seara fecunda de pão e Amor, conhecendo bem o elevado préstimo da oliveira, levaram-na sempre na sua companhia para onde que se deslocassem tendo o cuidado

(Continua na 6.ª página)

# TRIBUNA AGRICOLA

## POMARES

### Fertilizações

O trabalho científico, metódico, persistente e realista que o Departamento de Pomologia vem levando a efeito no sentido de renovar e incrementar a nossa fruticultura à escala nacional, merece ter todo o apoio e auxílio das Entidades competentes e dá-nos a certeza de que, em curto período de tempo, a fruticultura nacional ocupará um dos primeiros lugares na economia da Nação.

Não se compreende que sendo o nosso país dotado de condições favoráveis para produção de frutas de qualidade, este ramo da agricultura continue entregue aos caprichos de cada um, quando é certo que, orientada a sua exploração na justa medida das nossas possibilidades, poderá representar uma das principais fontes de riqueza para determinadas regiões como, de resto, se prevê nos estudos feitos com vista ao II plano de Fomento.

A fruticultura actual não se queira nem com os caprichos pessoais, antes pelo contrário, e daí a necessidade de ser actualizada em bases científicas e de acordo com as exigências dos mercados.

Não basta produzir muita quantidade de variadas frutas mas sim cultivar as espécies e variedades que reúnem determinadas condições de conservação e de aceitação nos mercados que se proponha abastecer.

Nesta ordem de ideias aconselha-se aos interessados na instalação de novos pomares, para recorrerem aos Serviços Agrícolas oficiais da sua região ou ao Departamento de Pomologia, a fim de serem devidamente esclarecidos e orientados em tudo quanto respeita à instalação de novos pomares.

Ora desde que há a quem se possa recorrer, e de mais a mais sem qualquer dispêndio, é erro crasso lançar-se às cegas num empreendimento que exige grande empenho de tempo e de dinheiro e que só determinados conhecimentos da técnica actualizada poderão conscientemente orientar no sentido mais consentâneo com os interesses do produtor.

Não pode haver ilusões quanto ao futuro da pomicultura nacional. Só poderão vencer os que melhor se tiverem apetrechados no sentido de bem tratar as espécies e variedades de reconhecido merecimento e perfeita adaptação às condições do meio local. O resto não passa de amadorismo que, embora bem intencionado, não dispõe das necessárias ba-

ses, terá que suportar as respectivas consequências.

A par dos projectos e dos estudos para a implantação dos novos pomares, baseados, como acima já se referiu, em dados técnicos actualizados, haverá que cuidar a sério do melhor aproveitamento das fruteiras existentes, eliminando todas as que se apresentem caducas e as de variedades sem cotação no mercado, que estejam a ocupar o terreno que deverá ser aproveitado por outras com características de boa produtividade, adaptação ao meio e colocação assegurada.

Para isso haverá que não descuidar nenhum dos factores que influem na produção, desde os amanhos e tratamentos à conveniente fertilização.

A fertilização das árvores de fruto é um pouco mais complexa que a das outras culturas, dado que as suas necessidades variam com a espécie, idade, porta enxertos, riqueza do solo, e disponibilidade de água, além de explorarem o mesmo cubo de terra durante um longo período, pelo que é essencial que tudo isto seja tomado em conta ao estabelecer o plano de fertilizações.

Como regra, a fertilização deve ser feita de acordo com 3 períodos distintos da vida da árvore, ou seja: *antes da plantação, antes de dar fruto e em plena produção.*

*Antes da plantação*—deve-se aplicar uma adubação de fundo constituída por 50 toneladas de estrume por hectare, completada com uma adubação fosfo-potássica, destinada a constituir uma reserva de elementos fertilizantes na zona ocupada pelas raízes, empregando 800 a 1.000 Kg dum adubo fosfatado a 18% e 600 a 800 Kg de Cloreto de Potássio.

Esta fertilização tem por fim corrigir o terreno e formar reservas de elementos nutritivos, sobretudo de ácido fosfórico e de potassa, elementos que, sendo fortemente fixados pelo solo, devem ser incorporados na ocasião da surribeira, a fim de ficarem enterrados na camada a ser explorada pelas raízes das árvores, dado que tanto o ácido fosfórico como a potassa, incorporados à superfície, dificilmente alcançam as camadas subjacentes.

*Adubação anual*—A dose de adubos a aplicar todos os anos deve ser proporcional à idade das árvores, ao volume das colheitas anuais e à possibilidade de solubilização dos elementos nutritivos.

Assim, na primeira idade

das árvores, as suas maiores exigências são em azoto que, com a ajuda do fósforo e da potassa, actua sobre o seu mais rápido desenvolvimento.

Para as árvores em produção é necessário ter em conta não só os elementos consumidos pelas colheitas como os precisos para manter o crescimento dos ramos e das raízes.

Experiências recentes sobre a fisiologia das árvores demonstram que estas têm dois períodos de assimilação activa: o primeiro, na primavera, corresponde à época da formação das folhas; o segundo tem lugar no Outono, depois da queda das folhas, por as raízes continuarem a crescer e a absorver as matérias nutritivas, formando reservas, isto é, no decorrer do ano a árvore não só atende às exigências da sua vegetação e frutificação desse ano, como acumula também reservas para acudir às primeiras necessidades da futura colheita.

Por isso a adubação deve ser completa e em quantidade suficiente a fim de poder satisfazer as exigências da cultura nos três principais elementos—azoto, fósforo e potassa—visto que cada um deles exerce uma acção definida sobre a vegetação e a produção.

Assim:

O **azoto** é indispensável para assegurar o desenvolvimento vegetativo das árvores e regularizar as produções. É o elemento de crescimento;

O **fósforo** promove o desenvolvimento radicular e intervém especialmente na floração e na formação do fruto. É o elemento regular da produtividade;

A **potassa** actua sobre a assimilação dos outros elementos e concorre para o desenvolvimento dos frutos, favorece a elaboração do açúcar e da matéria corante, desenvolve o perfume e o sabor dos frutos. É o elemento de qualidade.

Em face do exposto, e seguindo os resultados obtidos em várias estações experimentais, as exigências das fruteiras são da ordem seguinte:

Tomando como exemplo um pomar de macieiras com árvores de 25 anos, produzindo 40 toneladas de maçãs, o consumo de elementos nutritivos, por hectare e por ano, traduz-se nas seguintes quantidades:

Azoto 113 Kg, ácido fosfórico 47 Kg, potassa 159 Kg.

A produção de 37 toneladas de pêsegos, por hectare, consome anualmente:

Azoto 129 Kg, ácido fosfórico 41 Kg, potassa 159 Kg.

## Como povoar o meu aviário

### Com galinhas

Esta modalidade tem as vantagens de poupar tempo e despesas na cria e recria e, ainda, de se começar a colher ovos logo que as aves entram no aviário, pelo que o novo avicultor começa imediatamente a realizar algum dinheiro (isto, no caso das aves põem alguns ovos, o que nem sempre acontece). Esta modalidade apresenta, contudo, muitos inconvenientes, entre os quais se destacam o elevado custo dos animais e o risco de serem portadores de graves doenças. Além disso, estas aves são, em geral, fracas poedeiras, visto que nenhum avicultor consciente se desfará de animais bons produtores, a não ser por elevado preço, o que resulta anti-económico para o comprador. Esta é a modalidade frequentemente utilizada pelos avicultores já experimentados, quando pretendem impingir, aos inexperientes, as aves de fraca produção. É uma forma de povoamento que deve ser completamente banida.

### Com frangas

Tem a vantagem de se evitarem os riscos e despesas da fase da criação. Também se pode já adquirir o número de machos e fêmeas que se pretende, uma vez que já se distinguem os sexos (isto, no caso de se não ter realizado a

Para satisfazer as exigências de tais colheitas e manter a regularidade das produções aconselha-se, a título de orientação, além de periódicas aplicações de matéria orgânica, o emprego dos seguintes adubos, por hectare:

#### Árvores de pevide

Adubo azotado a 20% . . . 500 Kg  
Adubo fosfatado a 18% . . . 500 Kg  
Cloreto ou Sulfato Potássio . . . 300 Kg

#### Árvores de caroço

Adubo azotado a 20% . . . 500 Kg  
Adubo fosfatado a 18% . . . 500 Kg  
Sulfato ou Cloreto Potássio . . . 400 Kg

Os adubos fosfatados e potássicos devem ser incorporados no outono, altura em que também convirá aplicar algum adubo azotado, sobretudo se a produção tiver sido abundante, visto que é nesta época que se acabam de diferenciar os botões de fruto, completando-se a adubação azotada no fim do inverno, antes do abrolhamento.

Porém, é preciso não esquecer que, apesar da conveniente fertilização ser um dos principais factores de produção, é necessário também não esquecer os devidos amanhos e os indispensáveis e oportunos tratamentos contra as pragas que podem comprometer a produção.

sexagem à nascença). Porém, à semelhança do que acontece com as aves adultas, muitos inconvenientes, tais como o elevado preço dos animais e ainda o facto de desconhecer a maneira como foram criados. É que, muitas aves, embora aparentemente em estado de saúde, foram de facto tuosamente criadas, ou tiveram graves doenças, resultando em ficarem afectadas nas suas capacidades produtivas para o resto da vida. Não é, portanto, forma de povoamento aconselhada.

### Com ovos para incubação

Para quem tenha incubadora e possua os conhecimentos indispensáveis ao seu manejo, é uma forma que resulta económica e aconselhável, na condição de se dispor de uma exploração avícola idónea que forneça ovos apropriados para o efeito. Infelizmente, não é sempre fácil encontrar ovos para incubar que ofereçam garantias qualitativas e sanitárias convenientes. Não é, portanto, a modalidade mais indicada para um principiante. Além disso, para quem se vai iniciar neste sector da pecuária, é aconselhável começar com investimentos em incubadora.

### Com pintos-do-dia

É, sem dúvida, a modalidade de mais indicada. As vantagens superam grandemente os inconvenientes. É a forma de povoamento mais económica (na condição de não se comprarem pintos por qualquer preço, como muitas vezes acontece). Além disso, o novo avicultor, seguindo objectivamente a cria e recria das aves, sabendo as vicissitudes que passam, adquirindo ao mesmo tempo, uma soma de conhecimentos indispensáveis a todo aquele que pretende dedicar-se a este ramo de exploração animal.

Para terminar, desejamos apenas salientar que, da forma como se promover o povoamento dum aviário, depende em larga medida, o bom ou mau êxito do empreendimento. Muitos avicultores foram conduzidos à ruína por não terem em atenção esta questão.

Seja qual for a modalidade que se adopte, uma, de todas, deve ser completamente banida: a iniciação com aves adultas, isto, mesmo nos casos em que o vizinho ou amigo, que pretende vender suas galinhas, jure por quanto há no mundo que põem centos e centos de ovos de ouro. Cautela com a banalidade.

### Visado pela Censura

# TRIBUNA do CONCELHO

## CARTA DE LAGO

\*\*\*\*\* AOS amigos de perto e de longe \*\*\*\*\*

Por aqui as novidades tem sempre importância reduzida. Contudo há coisas aparentemente sem importância e produzem efeitos bastante graves.

### Cinema na Rua

A vida é um cinema em que todos nós, e até os animais irracionais, somos actores e actrizes. Isto é verdade que nem sempre ocorre ao nosso intelecto. O que se vê no palco dos cinemas ou na pantalha dos receptores de televisão não passa de uma adaptação do cinema da rua, ou da vida, mais ou menos modificados.

Assim como na vida há cenas edificantes, toleráveis e escandalosas, com maior frequência destas últimas, também no cinema e televisão. O mais curioso, porém, é serem as representações escandalosas mais frequentes, mais apreciadas e também mais imitadas pelos espectadores! E assim acontece passarem cenas da vida quotidiana, modificadas à vontade dos realizadores e actores, para o cinema e televisão, e os espectadores, sobretudo jovens, passam novamente as ditas cenas assim modificadas, para a vida quotidiana... É propriamente a isto que eu chamo «cinema na rua».

### Actores e Actrizes

Ainda que seja verdade haver nos estúdios do cinema e da televisão actores e actrizes dignos de tão nobre profissão também é verdade que a grande maioria deixa muito a desejar. Bastaria procurar as classes da sociedade onde mais abundam os divórcios e os suicídios... Como é natural, a influência dos espectáculos não pode deixar de ser má, uma vez que a assistência também aprecia mais o mau que o bom.

Pessoas de bem fizeram-me saber que nas salas de televisão não podem ouvir as conferências, noticiários e outros programas úteis, porque, a algazarra do «cinema deles e delas» — a maioria a quem não interessam tais coisas, — torna a audição impossível.

Mas quando surge um programa daqueles vermelhos a influência fortemente a sensibilidade do físico... o silêncio «deles e delas» — param o cinema... — é então sepulchral! É para fixar melhor a lição, não vos parece?...

Nas estações rodoviárias, v. g. no Campo da Vinha, Chafaris, Entrepontes, etc.

apareceram umas actrizes deste cinema miserável, — o Mundo em que temos de viver, — a conquistar actores... e a enojar as pessoas honestas que por ali têm de passar. Elas, às vezes fazem que vendem bananas, e não sei que mais, para despistar...

Muito gostaria eu que a polícia visse estes actores do «cinema na rua»!...

Vosso: J. Moreira

## CASO RARO

Na vizinha freguesia de Priscos do concelho de Braga, na propriedade da V.ª de José Pinheiro da Costa, mãe do nosso particular amigo e industrial do Gerês Sr. Manuel da Costa, uma vaca de Raça Barrosã deu à luz três vitelos, é de salientar este caso pois no nosso meio não é vulgar, ao passe que se fôsse no Entroncamento, já ninguém estranhava, pois que é a terra dos fenómenos.

## CASAMENTO ELEGANTE

Realizou-se na Igreja de S. João de Brito na cidade de Lisboa, o enlace matrimonial de sr. Joaquim Frutuoso da Silva, de 21 anos, natural das Termas do Gerês, com a menina Maria Emilia Nunes Bandeira Domingues, também com 21 anos natural de Angeja-Aveiro, ambos residentes em Alverca do Ribatejo, onde o noivo exerce a sua profissão.

Apadrinharam o acto os tios da noiva Senhor António



Pereira Neves, e sua Ex.ma Esposa, ilustres industriais de Parnificação daquela Vila.

Entre os convidados viam-se muitas pessoas do Gerês, amigos do noivo, assim como pessoal da unidade militar, onde o noivo trabalha, os noivos vieram até ao norte passar a lua de mel.

Tribuna Livre, regista o acontecimento com satisfação e deseja uma vida feliz e cristã ao novo lar.

## Salvé 2-6-1962

Passa hoje o seu aniversário natalício, o nosso particular amigo e assinante deste jornal o Sr. Carlos Augusto Martins, proprietário nesta Vila, e funcionário do paquete da nossa mariinha mercante «Uige».

Por tão faustosa data Tribuna Livre felicita o ilustre aniversariante e faz votos que a mesma se prolongue por muitos anos na companhia de sua esposa e filhos.

## ANIVERSÁRIO

Passa o seu aniversário natalício no próximo dia 5, o nosso particular amigo e assinante deste jornal Sr. José Eduardo Macedo Gonçalves, industrial da Alfaiataria nesta vila, por tão faustosa data uma pessoa amiga deseja-lhe felicidades e faz votos que esta data se prolongue por longos anos na companhia de toda a família.

Tribuna Livre deseja-lhe igualmente muitas felicidades e cumprimenta o ilustre aniversariante portão alegre data.

## CAIRES

### Baptizado

Foi solenemente baptizado o simpático menino António Dias Costeira — filho de Domingos de Sousa Costeira e Maria da Conceição Dias — do lugar do Paço. Foram padrinhos o Senhor António dos Reis Pinheiro — mui competente motorista da Hica — nos Pisões (Montalegre) e sua esposa D. Luiza Ferreira de uma ilustre família, de Ferral — tios bem amados do neófito.

O acto revestiu-se de uma grandiosidade festiva tanto na Igreja como em casa onde a família goza de grande simpatia no nosso meio. A seus pais, padrinhos e familiares, as nossas efusivas saudações com votos de longa vida para todos e para o Menino recém nado.

### Chegada

Vindos de Luanda (Angola) acabam de chegar a esta sua querida terra natal de Caires — os filhos bem amados da família «Antunes de Almeida» — para aqui passar um longo período de bem merecidas férias. Que sejam sempre felizes e que trabalhem para o nosso progresso local, são os nossos votos ardentes e que os seus queridos pais «da Quinta do padrão, vejam todos os seus filhos, genros e noras ainda por iargos anos.

### Viagem

O nosso presidente de junta — Luiz de Sousa, o nosso bom amigo António Sebastião Vieira Esteves, e outros, foram até Lisboa, visitar pessoas de família, muito queridas, tendo uma ótima viagem de ida e volta. Gostavamos de os acompanhar. Felicidades.

### Hora

Precedida dos três dias das ladinhas de Maio, que este ano foram muitíssimo concorridas, porque houve a distribuição de muitos, lindos e variados prémios, realizou-se na passada 5.ª feira, às 13 horas — (Hora da tarde) na nossa Igreja matriz, a solenidade da Hora — única — (como só em Caires) — e a seguir a Cerimónia do Adeus — do mês de Maio, a Nossa Senhora. Houve orações, flores, lágrimas discursos e ramalhetes espirituais. A menina Maria das Dores Arantes Pereira, fez um discurso, que a todos fez chorar; e o menino Januário Pinheiro

dos Santos fez e declarou estes versos:

**Maria!**  
Sois a estrela  
Branca e bela  
Que nos guia  
Ao Senhor —

**Maria!**  
Sois a rosa  
Mais formosa  
A alegria  
Do amor.

**Alma e corpo**  
Mãe querida  
Nossa vida  
Tudo é teu

**Sob o teu manto**  
Bela Aurora,  
É, Senhora,  
Nosso o céu.

C.

## ANIVERSÁRIO

Passou o seu aniversário natalício, ontem a Senhora D. Maria Candida Neiva Pereira, ausente em Angola, esposa do nosso particular amigo e assinante deste semanário Senhor Alberto da Silva Pereira.

Por tão faustosa data Tribuna Livre cumprimenta a ilustre aniversariante e faz votos que esta se prolongue por muitos anos na companhia de toda a família.

## Regresso do INDIA de

## Jorge Gonçalves

Na passada segunda feira regressou à sua freguesia de Besteiros o sr. Jorge Gonçalves, filho do nosso ilustre presidente da Câmara, que serviu em Damão, como sargento miliciano.

A freguesia tributou-lhe carinhosa recepção a que se associaram muitas outras pessoas que assim lhe quiseram testemunhar a alegria de o ver regressar.

Enquanto os alti-falantes alegravam o ambiente, muitas dúzias de foguetes subiram ao ar, quer na entrada da freguesia, quer no largo principal, quer, ainda, junto da residência.

Durante a semana celebraram-se diversos actos religiosos de congratulação e agradecimento de graças.

Aqui se expressa o nosso rigozijo por voltarmos a ter o Jorge entre nós, felicitando também a família neste momento de incontida alegria.

## UM POEMA

Uma destas noites como o sono não vinha, puz-me a rebuscar no livro da memória as velharias que o tempo, ao passar, aí depositou. Numa das primeiras páginas, (1907-1908), encontrei e li com prazer um poema de Castro Alves, poeta brasileiro, que por me parecer vir a propósito para os dias actuais, não resisto á tentação de o passar ás columnas amigas da «TRIBUNA».

Este poema foi recitado pelo autor, numa récita de caridade, no Real Gabinete Português de Leitura, Do Rio de Janeiro, a favor dos orfãos dos soldados mortos em campanha. Ei-lo:

Eu, que a pobreza de meus pobres cantos  
Dei aos heróis, aos miseráveis grandes,  
Eu, que sou cego mas só peço luzes,  
Que sou pequeno mas só fito os Andes,  
Canto nesta hora, como o bardo antigo  
Das priscas eras que bem longe vão,  
O grande nada dos horóis que dormem  
Do vasto pampa no funéreo chão!

Duas grandezas neste instante cruzam-se,  
Duas realzas hoje aqui se abraçam:  
Uma, é um livro laureado em luzes;  
Outra, uma espada onde os laureis se enlaçam.  
Não cora o livro d'ombrear c'o sabre  
Nem cora o sabre de chamá-lo irmão  
Quando em loureiros se biparte o gládio  
Do vasto pampa no funéreo chão!

E foram grandes teus heróis, ó Pátria!  
Mulher fecunda que não cria escravos,  
Que ao trom da guerra solucaste aos filhos:  
Parti soldados, mas voltai-me bravos.  
E qual Noema, desgrenhada, altiva,  
Eis tua prole que se arroja então  
No mar da glória, apartando as vagas  
Do vasto pampa no funéreo chão!

Esses Leandros do Helesponto novo,  
Se resvalaram, foi no chão da História;  
Se tropeçaram, foi na eternidade:  
Se naufragaram, foi no mar da glória!  
E hoje o que resta dos heróis gigantes?  
Aqui, os filhos que vos pedem pão;  
Além, a ossada que branqueia a lua  
Do vasto pampa no funéreo chão!

Há duas coisas neste mundo santas:  
O rir do infante e o descansar do morto;  
O berço é barca que encalhou na vida,  
A morte, a barca do sidéreo porto!  
E vós dissestes para o Berço: — Avante!  
Enquanto os nautas que ao Eterno vão,  
Os ossos deixam, qual na praia as ancoras,  
Do vasto pampa no funéreo chão!

Ai, quantas vezes a criança loura  
Seu pai procura, pequenina e nua;  
E vai brincando c'o ventusto sabre  
Sentar-se á espera no portal da rua!  
Miseria mãe, sobre o teu peito aquece  
Esta avezinha que não tem mais pão!  
Seu pai descansa, fulminado cedro,  
Do vasto pampa no funéreo chão!

E já que as águias lá no sul tombaram  
E aos filhos d'águias nunca a Pátria esquece,  
É grande, é nobre, é gigantesco, é santo,  
Lançai a esmola e colhereis a prece!  
Oh! dai a esmola, que do infante lindo  
Por entre os dedos da pequena mão,  
Ela trasborda e vai cair nas tumbas  
Do vasto pampa no funéreo chão!

É nobre o laço em que hoje aqui se estreitam  
De heróicos troncos os rebentos novos,  
E que são gémeos dos heróis os filhos  
Inda que filhos de diversos povos.  
Sim, me parece, que nesta hora augusta,  
Os mortos saltam da feral mansão  
E um bravo ativo, dalém mar partindo,  
Rola do pampa do funéreo chão!

Castro Alves

### Nota.

É bem possível que a memória d'agora não conseguisse re-produzir fielmente aquilo que há tantos anos arquivou; mas creio que assim mesmo, este poema que aqui deixou, agrade aos que amam a poesia heroica.

UERBA

## Infelizes devaneios da comissão Concelhia da U. N.

Continuação da 1.ª página

escrúpulos.

A velha Câmara—hoje Comissão da U. N. — que prejudicou o Concelho deixando por desleixo e inércia perder obras de milhares de contos, que nada realizou a ponto de, em 10 anos, receber 7 contos de participações, deu-se ao delírio de lembrar a quem de direito a necessidade de substituir o actual timoneiro do Município, aquele que em dois anos realizou obra sem par nos anais do Concelho, dez vezes mais em dois anos do que anteriormente em 25.

Faz mais a Câmara actual num mês do que fez a do esquecido presidente da U. N. em 20 anos! Só neste momento as obras que decorrem andam à volta de 1.200 contos!

Politicamente achamos cedo, pois o Regime não caiu, para que tais elementos, embora sob o nome de tal organismo, possam destituir quem serve desde a nascença do Estado Novo, sem interesse nem tergiversação.

Atrevimento, não há dúvida, que só pode ser ditado por despeito, frente a uma obra sem paralelo.

## O 28 DE MAIO

(Continuação da 1.ª página)

ção, para bons alunos, é muito proveitosa mas esquece-se que ao procurar-se tutelar um direito pela força é alienar a liberdade do pensamento e do desejo da grande maioria da Nação muito farta a quem pôs de parte a retariça e a balburdia pela Paz e pelo progresso que é a arma de defesa que tem usado os obreiros do Estado Novo orientado pela impoluta figura de Salazar.

Elísio Gonçalves

### Condições de Assinatura

Continente	
Ano . . . . .	50\$00
Semestre . . . . .	25\$00
Ilhas	
Avião—ano . . . . .	150\$00
Semestre . . . . .	75\$00
Barco,—ano . . . . .	60\$00
Semestre . . . . .	30\$00
Brasil	
Avião—ano . . . . .	180\$00
Semestre . . . . .	90\$00
Barco—ano . . . . .	80\$00
Semestre . . . . .	40\$00

Estrangeiro	
Avião—ano . . . . .	180\$00
Semestre . . . . .	90\$00
Barco—ano . . . . .	80\$00
Semestre . . . . .	40\$00

## Eu: Santo-Demónio

Ao relento áureas horas que passei  
Olhando à roda o que noite semeava;  
Fiz-me sábio e quanta loucura criei  
Que por serem tantas nunca deram nada!

Porém se uma noite mais via passada,  
Dizia baixinno; — oh! como sonhei!  
No aulido desta noite a bicharada  
Até q'ria fazer-se de Papa e Lei.

Hoje, já velhinho, (com vinte e dois anos),  
Cismo nesses bichos e nesses meus sonhos  
Que por tantos serem muitos são os enganós.

Mas contudo desses nadas fiz roturas  
A quem reservo um elixir de medronhos  
E lá no inferno um mithão de sepulturas!

Cícero Dias

## SOU...!?

Sou sombra, folha ou aragem,  
Pertenso a este ramagem  
Ou à espuma do mar?  
Da rama — que efluídos! —  
Sinto do mar os gemidos,  
Sinto da noite o luar!...

Nem dos rochedos dos montes  
Nem das areias das fontes  
Vem qualquer som a dizer:  
Pertences aos vagabundos  
Vens lá d'abismos profundos  
E vais p'ra lá ao morrer...

Que nuvem anda no céu?...  
Será ela ou serei eu  
Que é vã e transparente?  
Lá vai pelo ar serena  
Eu cá na terra com pena  
De não sentir o que sente!

Nem lá no céu uma estrela  
Nem no mar alto uma vela  
Me dizem nada quem sou!  
Já sei!... Não sou mesmo nada!  
Apenas duas toada  
Um verso que alguém chorou...

Cícero Dias



COMPANHIA DE  
SEGUROS 'DOURO'  
SEGUROS EM  
TODOS OS RAMOS

FUNDADA EM 1835

Há mais dum século, na "DOURO" está a seguradora

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES

Deseja trabalhos tipográficos  
com rapidez e perfeição?

DIRIJA-SE À  
MODELAR

Telefone 62113

Amores

# TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

## S. Paio de Seramil

e pagar lhe cada seu tostão e dizer missa por tenção dos fregueses.

E no tocante as sinco medidas q. os fregueses pagão a igreja. Os veuvos e veuvos dons pagão por hu casado, solteyros e solteyras os q. tem terras de seu e orta, pagão tres por hu casado.

Item uso das missas e sufragios dos defuntos nesta igr.<sup>a</sup> he uso goardar a vontade do testador, os q. podem dispor nesta igr.<sup>a</sup> lhe chame dez clerigos, ou os q. o testador quer, dez p.a o dia do enterro, e dez p.a o mez, e dez no fim do anno, p.a en cada hu destes fazere off.<sup>o</sup> de nove lições e dizere missa pla alma do defunto, a paga a cada hu a seis vintens, e querendo no dia do enterro oração a acompanhar lhe pagão mais a cada seu vintem de acompant, e os pobres dispõem o q. querão mas sempre he uso deixare hua ou duas missas... e santos de sua devoção querendo.

Uso das obradas q. dão nos offícios e dia do enterro, he uso no off.<sup>o</sup> do dia do enterro trazere hua obrada diferente das outras duas do dons off.<sup>o</sup>, q. se diz ao mez e no fim do anno, he costume na obrada do corpo presente ir hua boroa de pão, ou milho que a valha, e dois arates de vacalhao e ao menos tres canadas de v.o, e nos dons off.os do mez e fim do anno não trazendo as das obradas como assima se diz, pagarão por cada hua meyo tostão.

He uzo rezar o parochos todos os domingos do anno e dias de defuntos pla sua alma e pagar lhe esta reza annual no fim do anno conforme se pagão ao parochos vezinhos desta igr.<sup>a</sup>, q. são mil e seis centos e sesenta reis.

Item he uzo q. toda a criança q. vem a baptizar hão de trazer hua galinha ao parochos do assento do livro e hu pão branco de 26 reis de oferta.

He uso nesta igr.<sup>a</sup> q. toda a cabeceyra q.do morre pagão seus herdeiros sinco tostões de covagem, mas os solteiros não pagão a d.<sup>a</sup> covagem.

Item he uzo e costume q. o pay, ou may, sogro ou sogra q. dotou seus bens assim como os possuão a seu filho ou f.<sup>a</sup>, ou a quem quer, e não apartão nada dos d.tos bens, e todos come delles, e estão todos debayxo de hu telhado, e não apartão mais q. as camas em q. dorme, he uzo não pagare os dons mais do q. hua obrada, porem estando apartados e vivendo en cada sua casa e fazendo fogo cada hu a parte supposto comão ambos juntos os d.tos bens, cada hu em tal caso paga cada sua obrada.

He uzo e costume q. o pay e mãy q. dotou seus bens a seu fiiho, inda q. estejam apartados hus dos outros, e ambos comão de hua orta e nabal, he uzo não pagare mais do q. hu alq.re de pão de Avença, mas se tiverem mais do q. hua orta e do q. hu nabal ou o tiver partido entre si hão de pagar cada seu alq.re de Avença, contando q. cada hu vay a sua.

He uzo e costume os fregueses q.do forem os off.os da igr.<sup>a</sup> a fazere juiz e os mais officiaes, e o parochos não lhe assiste a sua eleição, somente dare ao Parochos aos mais votos o mordomo da igr.<sup>a</sup>, e o Parochos lhe toma os votos do mordomo e lhe dá juram.to p.a q. bem faça seu officio, q. bem a ser no dia S.to vir cedo p.a a igr.<sup>a</sup> p.a barrer a igr.<sup>a</sup> sendo neces.o buscar agora p.a benzer, lume p.a os sacram.tos e acompant.tos levar a cruz e cera e p.a tudo o q. pertencer a seu off.o e p.a tanger a entrada quando o Parochos o mandar.

He uzo e costume pagare lans de ovelhas q.do as tosqueão.

He uzo e costume q. as molheres solteyras que morrão q. não tendo terras de seu não pagare mais do q. meyo alq.re de milho branco de obrada, e se andare nas confrarias pagarão p.a ellas como he uzo e costume, mas se tiverem terra e orta pagarão a rezão das tres por hu casado como atras dissemos.

Item he uzo e costume q.do morre algu fregues os off.aes do nome de Deos dar lhe cera p.a o off.o e missas daquele dia; como tambem ao Parochos nas festas do anno q. se entende nas coatro do anno, e nas pr.ros domingos dos meses de nossa Snr.a por todas estas missas as dizer por tenção dos fregueses.

He mais uzo e costume nesta igr.<sup>a</sup> q. todo o fregues q. casou f.o ou f.a e não repartiu terras nem arvores e não faz mais q. hu monte na eyra e sequeira não deve mais q. hua premicia; porem retornando terras ou arvores e as cultiva deve duas premicias.

He uzo e costume q.do os fregueses vão a romarias indo o Parochos cóeles dar-lhe os d.tos fregueses sua collação q. bem a ser em Fev.ro a nossa Snra e outra

(Continua no próximo número)

## Defesa do Idioma Pátrio

(Continuação da 1.ª página)

mo espírito. (Não confundimos, é claro, a justa iniciativa estética e a natural evolução da ortografia — índices inescusáveis de uma invencível pulsação vital — com o desrespeito ostensivo e deliberado, ou quando menos a indeferença que têm por objecto as normas legais que submetem a forma de grafar um idioma).

Temos de ver, por outro lado, na desobediência ao que sobre a nossa ortografia se encontra estabelecido quer uma manifestação de menor energia colectiva, quer um deficiente equilíbrio da psicologia comum — factos que, conquanto subtilem mostram sem mudança fontes seguras de conflitos e desajustamentos no campo da convivência social. A luta que se lhes der no campo da palavra escrita é das que mais directa, essencial e, portanto, eficientemente, poderão — a esses factos — contrabater. (Mostra-se, aqui, a possibilidade de acudir à causa a partir do efeito, uma vez que este se comporta como avigorador daquela e assume, assim, por seu turno, o papel de possível potenciador da primeira).

Por tudo isto é que — mesmo quando aos menos atentes pareça tratar-se de matéria aleatória e ociosa — tem sido graves as preocupações e severas as advertências que suscitam os desmandos da literatura modernista, já, por exemplo, no que se refere ao desprezo e abandono da pontuação gramaticalmente consagrada, já, para o caso que nos ocupa, no que respeita à indiferente nivelação de maiúsculas com minúsculas. Alguns chegam ao ponto de admitir, e não sem fundamento, que nessa nivelação se afirma não apenas a falta de um indispensável sentido das hierarquias, o desrespeito, por outras palavras, de categorias mentais e morais que se situam no cerne de um arcaboço social-psicológico multisseccular, como também, ofensivamente, um consciente propósito de anarquização das coisas e dos espíritos...

Seja como for, não podemos nós silenciar sobre o assunto, cumprindo-nos contribuir para que o processo de desordem ortográfico que a Liga Portuguesa de Profilaxia Social nos representa e impugna seja frontalmente contra-

## XVII A INDIA PORTUGUESA

por Porfirio de Sousa

Continuação do número anterior

A nau inutilizada que ficou no porto de Diu, por expressa determinação do Vice-Rei, representava o símbolo daquela cruenta e inesquecível batalha e servia, ao mesmo tempo, de dura lição a todos aqueles que a vissem e examinassem o seu deplorável estado.

A artilharia inimiga — que estava em boas condições e que era de excelente metal — foi transportada para bordo dos navios portugueses para mais tarde guarnecer as futuras fortalezas — o que queria dizer que o inimigo fornecia lenha para se queimar.

Para prosseguir na torva — desumana vingança, D. Francisco de Almeida exigiu que Meliquiaz lhe entregasse todos os soldados do Sultão do Cairo que escaparam àquela carnificina e sublinhou-lhe que os queria todos, sem excepção de um só.

Meliquiaz, ordenou buscas sobre buscas em todos os bairros da cidade e depois de porfiados esforços conseguiu reunir para cima de 800 rumes, turcos e mouros, são e feridos.

Dessa heterogénia população vencida, o Vice-Rei mandou escolher os homens mais fortes e sádios e, depois de separados ordenou que os pusessem a ferros e mais tarde, na primeira armada que partiu para o Reino, enviou-os de presente, como escravos, a El-Rei D. Manuel.

Os que, no meio da sua desventura, não tiveram a sorte de serem escolhidos para seguirem para a metrópole, tiveram um triste e horrível fim.

O ódio que avassalava o coração de D. Francisco de Almeida continuava a chamar atroz vingança contra os matadores de D. Lourenço de

riado. É o que fazemos no nosso domínio próprio com determinar que os serviços e estabelecimentos do Ministério da Educação, e portanto a vária documentação e publicação que deles dimanem, observem rigorosamente a legislação em vigor sobre a ortografia portuguesa, e nela, nomeadamente, a parte respeitante ao emprego de maiúsculas iniciais.

Como a questão da ortografia adoptada pertence predominantemente ao foro Academia de Ciências, dê-se à mesma Instituição conhecimento deste despacho, pedindo-se-lhe, a um tempo, as providências adequadas à manutenção e defesa da disciplina ortográfica da língua portuguesa.

Almeida.

Os rumes, turcos e mouros que Meliquiaz entregou ao Vice-Rei foram torturados e martirizados com requintes de selvajaria.

D. Francisco de Almeida, para saciar parte da sua grande sede de vingança, mandou-lhes decepar os pés e as mãos.

Não satisfeito com esse acto monstruoso e deshumano, meteu-os a bordo de barcos inimigos — que para esse sinistro fim havia escolhido e reservado — e em seguida ordenou que lhes lançassem fogo, reduzindo, assim, esses miseráveis e indefesos homens a cinza.

A morte de D. Lourenço de Almeida foi terrivelmente vingada num mar de sangue e de fogo.

Por fim o Vice-Rei exigiu a Meliquiaz a enorme soma de trezentas mil moedas de ouro e como Capitão Mor de Diu não tivesse essa avultada importância, o medo obrigou-se a andar de porta em porta dos mercadores ricos da cidade a extorquir moedas e, assim, conseguiu reunir essa elevada quantia que entregou a D. Francisco de Almeida.

Mas, mesmo assim, Meliquiaz não estava seguro perante o chefe cristão e para ver se conseguia aplacar a ira do pai de D. Lourenço de Almeida ofereceu-lhe muitas armas e joias de subido valor e todos os dias mandava viveres em quantidade à esquadra portuguesa.

Por fim as exigências do Vice-Rei terminaram e as armas e joias que recebeu guardou-as num cofre para mais tarde as enviar ao Monarca, seu amo e senhor.

As trezentas mil moedas de ouro que recebeu, por exigência, de Meliquiaz dividiu-as em três hotes de 100.000 e deu-lhes o seguinte destino:

100.000 deu-as, como recompensa aos seus homens de guerra; 100.000 reservou-as para pagar os soldos dos mesmos homens quando chegassem a Cochim; e as restantes 100.000 destinou-as à compra de pimenta para enviar a El-Rei D. Manuel, que era o maior comerciante das especiarias do Oriente.

Mas o implacável ódio ainda não estava extinto no coração de D. Francisco de Almeida.

Quando navegava com rumo a Cochim passou por Dabul — em cujo porto o filho perdeu a vida — e intimou o comandante militar da cidade a entregar-lhe todos os combatentes fugitivos — rumes e outros, da armada do Sultão do Cairo.

(Continua no próximo número)

## A Barreira oposta pela consciência da Nação às campanhas vindas de todos os quadrantes não pode ser vencida, nem abalada, sequer

(Continuação da 1.ª página)

na Europa da guerra de fronteiras, anunciam as duas maiores potências da Terra ter acordado e ir propor aos mais a luta contra a guerra, contra a propaganda belicista, contra o armamento, convencional ou não. Entendamos bem os termos da combinação: proibem-se as guerras que não haverá, mas estimular-se-ão as guerras que continuará a haver. A França não invadirá a Alemanha, a Bélgica não se baterá com a Holanda, a Espanha respeitará Portugal; mas os mesmos que tão convictamente se hão-de vangloriar de uma paz já consolidada por força dos acontecimentos e da vontade dos povos continuarão a reivindicar o direito da interferência ideológica, de apoio político e financeiro, de fornecimento de armas, de preparação de núcleos subversivos em territórios estrangeiros, por cima e sem embargo das relações diplomáticas, das declarações de amizade e dos desejos de boa vizinhança. E o fundamento desta política contraditória está em que não se trata de guerras de conquista, mas de guerras de «libertação», tal a efectuada em Goa, com desprezo dos direitos soberanos de Portugal e dos interesses dos goeses, não considerados no conflito nem havidos para nada, senão por nós mesmos, antes e depois da ocupação.

### Temos a unidade e a coesão das Forças Armadas

Sendo, pois, que na Euro-

pa vão diminuir as possibilidades de guerra externa, mas aumentarão noutros continentes as de tipo diverso, por efeito das contradições em que as nações ocidentais se vão deixando enleiar, é para a África sobretudo que têm de dirigir-se os nossos esforços, porque não temos motivos para diferenciar os territórios e muito menos para abandonar os portugueses de além-mar. É desde há séculos pluricontinental e plurirracial a nação portuguesa, e isso sem prejuízo da sua unidade, nem das largas autonomias locais; e as guerras que ali nos são impostas desconhecem tanto a história como o direito, como os verdadeiros interesses dos povos que para elas são arrastados. Os que nos defendemos em África defendemos de facto a África, e fazemos uma experiência histórica, permitindo confrontar os efeitos de uma obra conduzida para benefício geral por nações portadoras de uma cultura e os resultados do abandono, ainda que largamente subsidiado, a que serão votados muitos povos africanos. A invasão de Goa no que representa de desmentido ao apregoado pacifismo da União Indiana os actos terroristas de Angola no começo do último ano, a defesa da província apoiada na população branca e na de cor que se reconhecem tão portugueses uma como a outra, o êxito militar, a sucessiva expulsão dos terroristas para além fronteiras e a recuperação das populações deslocadas são factos

que começam a pesar nos juízos dos homens em muitas nações e confio em que chamarão os mais à evidência das coisas. É certo que fazemos ali uma guerra difícil e custosa, e que a fazemos sozinho (não digo sem alianças, digo sem aliados); mas é igualmente certo que cumprimos um dever para conosco e para com um continente que deve sobretudo a Portugal os seus primeiros contactos com a civilização.

A reconsideração geral dos factos e dos conceitos que se encontram na base da política africana e da política do mundo ocidental, em relação à África, pensamos que se fará a tempo de evitar as últimas derrocadas; e, embora o nosso povo seja muito atreito a afinar os seus juízos pelo veredicto estrangeiro, neste particular a barreira oposta pela consciência da nação às campanhas vindas de todos os quadrantes não pode ser vencida nem abalada sequer; e seria bem importante que o fosse, para os que trabalham na desintegração europeia, tanto aqui como no continente africano. O povo não pode ter o conhecimento em promenor destes problemas; tem, porém, a acuidade do Instinto que, tendo-o feito nação há muitos séculos, o mantém atento às exigências da sua identidade e da sua própria sobrevivência. E do que se trata afinal é de sobreviver e de continuar igual a si mesmo.

Temos, pois, a unidade e coesão das forças armadas e quase seria uma traição aos

## A Oliveira na Produção Nacional

Continuação da 1.ª página

de deixar viveiros florescentes, bem guardados, nos locais de onde partiam. Assim se difundiram os olivais por vales e montanhas, no solo desbravado por eles ou nas gargantas das cumeadas, fertilizando tudo para o Bem comum. Por toda a parte abundam vestígios destes benfeitores. O Vale do Cávado é pródigo no seu registo, desde o Convento de Bouro — maltratados por um desvio de rumo, ao Mosteiro da Abadia — na quietude bucólica de seu retiro deliciado pela brisa permanente na estação calmosa — sempre disposto a abrigar nos seus quarteis um exército de crentes que de longe se deslocam para confidenciarem com a Mãe do Céu. Mas, que poderá encontrar-se de novo em tão explorado recanto? Domingos Silva, num aturado estudo da terra e da gente concelhia que lhe ofereceu o berço, traça-lhe o perfil com dedicado esmero? E pensar-nos-ia deixá-lo passar em silêncio — companheiro de armas que uma amizade se rememora.

Fechando este parentesis oportuno, volvamos à oliveira de onde se abriu. Recordemos o proveito de seu fruto: a azeitona. O seu consumo está garantido. É ver a azei-

mortos que houvesse o mais pequeno dissídio; temos a consciência da Nação firme e bem formada acerca deste problema fundamental. Pergunto a mim mesmo o que podem valer, em face deste bloco, a agitação e as locubrações, mesmo que inspiradas do estrangeiro, dos que infelizmente perderam a sua alma de Portugueses e não sentem já Portugal.»

tona fêmea — de polpa rija e carnuda — seja de Elvas na fama ou de outras proveniências no proveito, entrar na casa do pobre ou do rico, portuguesa ou estrangeira, como aperitivo de relevo. O azeite, que dela se extrai, entra nas cozinhas em boa estima, quase indispensável a qualquer hora. O bom samaritano confiou no seu poder medicinal, praticando um acto de verdadeiro humanismo: no socorro de um desconhecido. Muitos outros têm recorrido ele em horgo de aflicção, e continuarão a procurá-lo ainda, como bom desintoxicante que é. Mas o seu valor transcende o horizonte visual e penetra nas regiões do Ministério. Assim, vemo-lo tomar parte nos mais solenes actos do culto, vigorado pelas fórmulas sacramentais inerentes.

Dos ramos, veio até nós o significado de paz e triunfos: na marcha redentora para Jerusalém, etc... E a História não conseguiu ainda aniquilá-lo. Há sombras maléficas... Pois a da oliveira beneficia a todos em hora de tédio ou recreio, abrigo de frio ou calor. Aceite-lhe o Mundo também o carinho pacifista: a que se vem recuzando. Dêntive-se com esmero: limpando dos musgos e demais parasitas as existentes. Multipliquem-se por estacas ou transplantações; estrumem-se em boa cava; saciem-se de água e suor; concorram-se em suma para a difusão de novos olivais. Assim se evitarão os desvios fraudulentos nas encruzilhadas das vias mercantes. Corra-se com o egoísmo derrotista de muitos que nada fazem por julgarem que só beneficiam os outros.

### Visado pela Censura

## Nobiliarquia Regional

telados cujas pedras sepulcrais foram parar ao cemitério de Ferreiros. Assim:

**João Gomes de Abreu**, filho de Pedro Gomes de Abreu, casou c. D. Joana de Melo da casa de Anquião, filha legitimada do Comendatário de Refojos do Lima — Rodrigo de Melo e Lima, padroeiro da Capela de N. S.ª do Rosário no convento de S.º António de Ponte do Lima.

**Diogo Gomes de Abreu** serviu na Índia e casou c. D. Inácio Pereira, filha de Diogo Borges Pacheco, último abade da Facha e da s/ amiga Leonor Pereira.

**António de Abreu Lima** casou c. Ana de Magalhães, e foi senhor da casa de Anquião, (era o solar dos Abreus Limas no antigo julgado de Rejalados).

**Rui Gomes de Abreu** casou c. D. Isabel de Araújo de Azevedo, filha de Fernão Velho de Araújo, senhor do Paço de Refojos.

**João Gomes de Abreu Lima** casou c. D. Mariana de Vasconcelos, filha de Gaspar de Amorim e de D. Isabel Coelho.

Teve uma filha natural **D. Paula de Abreu Lima** havida em D. Isabel Maciel, mulher nobre de seu apelido; foi reconhecida e casou c. Luís Pereira de Brito. Tiveram:

**D. Ventura de Abreu Lima de Brito** casou com Marcos António da Silva da Costa Borges, senhor do dito morgado de Vinhadouro, neto de Bento da Silva Borges e de sua mulher D. Agueda da Costa.

O mesmo pode dizer-se dos antigos senhores do paço de Lamoso (Caldelas) que usaram os apelidos de **Melo, Marinho, Falcão, Barata**.

Os **Melos** descendem de D. Mem Soares de Melo que foi senhor da vila deste nome.

Os **Marinhos** procedem de D. Vasco Marinho, descendente dos antigos Marinhos da Galiza. Os deste apelido ligaram-se aos Abreus

da Grade, e finalmente à Casa de Vilar, de Figueiredo pelo casamento de D. Maria da Conceição Marinho de Araujo de Azevedo com seu primo Augusto Carlos de Abreu Machado Cardoso Pinto Osório, licenciado em Direito.

**Falcões** — Há diversas opiniões sobre a origem deste apelido. Entre elas, porém, se começa melhor em **Jerónimo Falcão**, alcaide-mor de Penela, em tempo de D. Afonso V; outra por Gonçalo Anes de Abreu, título a que logo de princípio se ligou.

**D. Maria Clara da Expectação de Melo Marinho Falcão**, foi sr. da Casa e morgado de Lamoso; da quinta da Carredoura em Ferreiros; da casa do Campo de Santa Ana, em Braga, Nasceu em 1814 e f. a 30 de Abril de 1904, tendo casado, a 26 de Fevereiro de 1827, com seu primo Domingos Manuel de Melo Freire Barata, capitão de milícias de Braga, natural do Pará, o qual faleceu em Braga no dia 1 de Jan.º de 1880.

De 10 filhos e filhas:

**Martinho Sebastião de Melo Marinho Falcão Barata** faleceu solteiro.

**D. Maria Marques Pereira**.....casou c. Bento Leão da Cunha Carvalhais, licenciado em D.to, conservador do R. Predial em Braga, que já era viuvo, e não tiveram geração.

**José Secundino**.....foi para o Brasil.

**Nicolau**.....**Barata**.....bacharel em D.to, advogado em Braga, onde exerceu vários cargos de confiança do Partido Regenerador. Faleceu em 1909.

**Francisco Pereira de Melo**.....também bacharel em D.to, foi juiz na Póvoa de Lanhoso. Faleceu em 1895, sem geração.

**António Casimiro**.....morreu criança.

**D. Maria Casimira do Carmo**.....casou com o capitalista Francisco Marques Duarte. Faleceu em 1902. Tiveram uma filha:

— **D. Maria da Conceição de Melo**....**Duarte** que nasceu em 1883 e casou duas vezes; a 1.ª em 1903 com o comerciante António Joaquim Mendes, e a 2.ª em 1926 com outro comerciante, Herculanô dos Santos.

(CONTINUA)